

História da seca, da fé e do Nordeste cantada pelo rei do baião

History of drought, faith and the Northeast sung by the king of baião

DOI:10.34117/bjdv7n9-508

Recebimento dos originais: 07/08/2021

Aceitação para publicação: 28/09/2021

Romero de Albuquerque Maranhão

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Endereço: Rua da Consolação, 930 - Consolação, São Paulo - SP, 01302-907

E-mail: romeroalbuquerque@bol.com.br

Norberto Stori

Livre Docente pela UNESP.

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Endereço: Rua da Consolação, 930 - Consolação, São Paulo - SP, 01302-907

E-mail: nstori@uol.com.br

RESUMO

A relação entre arte e ciência pode se concretizar de diversas formas, dentre elas, através da produção musical. A música tem o poder de expressar os sentimentos, revelar a memória, conhecer as representações sociais, o contexto político e o imaginário popular, além da capacidade de dialogar com o conhecimento histórico. Neste sentido, as músicas cantadas por Luiz Gonzaga merecem destaque, pois tratam de temas tipicamente do nordeste brasileiro, como a cultura e a fé daquele povo em relação à seca e às suas experiências. As secas constituem uma realidade presente, atuante nos dias de hoje, como no passado.

Palavras-chave: Seca, Nordeste, Luiz Gonzaga, Asa Branca.

ABSTRACT

The relationship between art and science can take place in several ways, among them, through musical production. Music has the power to express feelings, reveal memory, get to know social representations, the political context, and the popular imagination, in addition to its ability to dialogue with historical knowledge. In this sense, the songs sung by Luiz Gonzaga deserve to be highlighted, because they deal with themes typically found in the Brazilian northeast, such as the culture and faith of that people in relation to droughts and their experiences. Droughts constitute a present reality, active nowadays, as in the past.

Keywords: Drought, Northeast, Luiz Gonzaga, Asa Branca.

1 INTRODUÇÃO

A seca enquanto fenômeno natural tem registro no Nordeste desde a colonização da zona semi-árida do Brasil, sendo de 1534 o primeiro relato desse desastre natural. De acordo com Araújo (1999), ao se focalizar a dimensão natural das secas, não se consegue vislumbrar muito mais do que a histórica repetição de cenas de fome e sede. Embora tendo o caráter natural e acontecendo na mesma região, a seca ocorre em diferentes conjunturas sociais, econômicas e políticas que possuem aspectos particulares quanto à estiagem. Misturam-se a ela aspectos socioeconômicos e políticos que lhe tiram o caráter único de ser um fenômeno apenas natural (STORI e MARANHÃO, 2019).

“O tema da seca foi, sem dúvida, o mais importante, por ter dado origem à própria idéia da existência de uma região à parte, chamada Nordeste, e cujo recorte se estabelecia pela área de ocorrência deste fenômeno” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.120).

Assim, a seca ganhou notoriedade e passou a ser tema de discursos políticos, cantigas, poesias, obras cinematográficas e músicas. As músicas não são apenas acordes, notas e melodias. Elas são capazes de informar, expor ou explicitar as ações humanas, sua história, existências, angústias e necessidades.

Convém registrar que a palavra música vem do grego “*Mousikê*” – e designava, juntamente com a poesia e a dança, a “Arte das Musas”. O ritmo, denominador comum das três artes, fundia-as numa só. Como nas demais civilizações antigas, os gregos atribuíam aos deuses sua música, definida como uma criação e expressão integral do espírito, um meio de alcançar a perfeição (OLIVEIRA e MIRANDA, 2019).

De acordo com Matos (2005), a produção musical se apresenta como um corpo documental particularmente instigante, já que por muito tempo constitui um dos poucos documentos sobre certos setores relegados ao silêncio, centrando-se na expressão de sentimentos e abordando temáticas tão raras em outros documentos. Trata-se de uma documentação muita rica e pouco explorada pela análise histórica, com grande potencial para revelação do cotidiano, das sensibilidades e das paixões (WOLFFENBÜTTEL e PAIVA, 2020).

A música é uma manifestação artística e cultural que não pode ser dissociada do seu local, pois possui diferentes estilos, abordagens e concepções. De acordo com Bennett (1986), a música existe e sempre existiu como produção cultural, pois de acordo com estudos científicos, desde que o ser humano começou a se organizar em tribos, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas.

Neste contexto, é possível inferir que a música oferece recortes da conjuntura político-econômica e social de um povo. Representa características próprias da população, tornando-se tanto em um discurso local como global. É fruto de um lugar social, de uma filosofia de mundo do compositor (LEÃO et al., 2021; WOLFFENBÜTTEL e PAIVA, 2020).

Na pesquisa, ora em andamento, a partir das canções escritas e ou cantadas pelo Rei do Baião¹ – o ilustre Luiz Gonzaga – buscamos explicitar o quanto a realidade e a história do povo sertanejo e nordestino estão presentes. A seca, a fé e o nordeste com toda sua riqueza de adjetivos e substantivos são os temas que irão perpassar as reflexões a serem apresentadas ao longo desta pesquisa.

2 QUEM FOI LUIZ GONZAGA - O REI DO BAIÃO?

Luiz Gonzaga do Nascimento, conhecido como o Rei do Baião, nasceu numa sexta-feira, dia 13 de dezembro de 1912, numa casa de barro batido na Fazenda Caiçara, povoado do Araripe, a 12 km da área urbana de Exu (extremo oeste do estado de Pernambuco, a 610 km do Recife, a 69 km de Crato (Ceará) e a 80 km de Juazeiro do Norte, Ceará). Foi o segundo filho de Ana Batista de Jesus Gonzaga do Nascimento, conhecida na região por “Mãe Santana”, e oitavo de Januário José dos Santos do Nascimento. Deveria ter o mesmo nome do pai, mas na madrugada em que nasceu, seu pai foi para o terreiro da casa, viu uma estrela cadente muito luminosa e mudou de idéia. Era também o dia de Santa Luzia e também mês do Natal, o que explica seu nome, "Luiz", que foi dado em homenagem a Santa Luzia, a estrela cadente e ao natal.

Gonzaga foi um importante compositor e cantor popular, uma personalidade da música popular brasileira. Cantava e encantava o público com sua sanfona, levando a alegria das festas juninas e dos forrós pé-de-serra, bem como a pobreza, as tristezas e as injustiças de sua árida terra, o sertão nordestino ao resto do país, numa época em que a maioria desconhecia o baião, o xote e o xaxado (figura 1).

¹ - Baião é um gênero de música e dança popular da região Nordeste do Brasil, derivado de um tipo de lundu (dança e canto de origem africana introduzido no Brasil provavelmente por escravos provenientes da Angola). Câmara Cascudo registra que a sua popularização no país ocorreu, a partir de 1946, com Luiz Gonzaga. A temática do baião é o cotidiano dos sertanejos e das dificuldades da vida dos tais, como na canção "Asa Branca" que fala do sofrimento do sertanejo em função da seca nordestina.

Figura 1: O rei do baião Luiz Gonzaga.



Fonte: Lucio (2012)

Em seu último show, Gonzaga declarou querer ser lembrado como sanfoneiro que amou e cantou muito seu povo, o sertão, as aves, os animais, os padres, os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes e o amor. Em quase todos os seus discos, o Rei do Baião traduziu de fato, as alegrias e as dores dos sertanejos, sempre desenhando o cenário real dos vários sertões em um só.

Assim, as músicas de Gonzaga podem ser classificadas como “Memórias do Sertão”, ou seja, uma contribuição para a compreensão da história e cultura do Nordeste, daquele povo e seus modos de vida.

3 O QUE É A SECA?

A seca é o resultado da interação de vários fatores, alguns externos à região (como o processo de circulação dos ventos e as correntes marinhas, que se relacionam com o movimento atmosférico, impedindo a formação de chuvas em determinados locais), e de outros internos (como a vegetação pouco robusta, a topografia e a alta refletividade do solo).

A ação do homem também tem contribuído para agravar a questão, pois a constante destruição da vegetação natural por meio de queimadas acarreta a expansão do clima semiárido para áreas onde anteriormente ele não existia.

Assim, podemos dizer que a seca é um fenômeno ecológico que se manifesta na redução da produção agropecuária, provoca uma crise social e se transforma em um

problema político. As consequências mais evidentes das grandes secas são a fome, a desnutrição, a miséria e a migração para os centros urbanos (êxodo rural).

A questão da seca não se resume à falta de água. A rigor, não falta água no Nordeste. Faltam soluções para resolver a sua má distribuição e as dificuldades de seu aproveitamento. É *"necessário desmitificar a seca como elemento desestabilizador da economia e da vida social nordestina e como fonte de elevadas despesas para a União ...desmitificar a idéia de que a seca, sendo um fenômeno natural, é responsável pela fome e pela miséria que dominam na região, como se esses elementos estivessem presentes só aí"* (ANDRADE, 1985, p. 7)

4 A SECA, O SOFRIMENTO E A FÉ NO SERTÃO DE ASA BRANCA

A canção Asa Branca foi composta em 1947, tendo como parceiro de composição o cearense Humberto Teixeira (advogado cearense, conhecido como o Doutor do Baião). O nordeste, neste período, já passava por momentos difíceis, por contas da grande seca de 1932, iniciada de fato em 1926, com um breve intervalo em 1929, tendo se configurado em verdadeiro cataclisma sócio-econômico na região nos anos seguintes, atingindo o ponto culminante no ano que a imortalizou, cuja calamidade fez com que o flagelo, tantas vezes repetido, assumisse proporções devastadoras, principalmente para a população carente.

Essa canção foi considerada a obra mais famosa e consagrada do repertório de Luiz Gonzaga, eleita pela Academia Brasileira de Letras, em 1997, como a segunda canção mais marcante do século XX, por apresentar o tema da seca nordestina e suas consequências como: tristeza, miséria, êxodo, separação, sofrimento e morte (figura 2).

Figura 2: Vitimas da seca de 1932.



Fonte: Cavalcante (2008).

Em suas primeiras estrofes, os autores registram que a seca era tão grande e forte que eles a compararam com uma fogueira de festa junina. Registram que a terra ardia de tão quente e seca que estava e, também, suplicam a Deus por que tanto sofrimento e judiação.

*Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação
Eu perguntei a Deus do céu, ai
Por que tamanha judiação*

A palavra judiação citada na música, proveniente do verbo judiar, é associada ao povo judeu, devido aos sofrimentos narrados na Bíblia vividos por esse povo que, como os nordestinos também viveram a experiência do êxodo (figura 3).

Figura 3: Imagem do filme Vidas Secas (1963) de Nelson Pereira dos Santos.



Fonte: Bauer (2018).

Na segunda estrofe os autores reafirmam que o calor é insuportável comparando-o a uma fornalha e descrevem a terra sem vegetação. Explicitam, ainda, que a falta de água, por conta da seca ou da ausência de política pública, provocou a mortandade dos animais. Além disso, a terceira estrofe evidencia a migração da ave asa branca (um tipo de um pombo - *columba picazuno*) para o sul por causa da seca.

*Que braseiro, que fornaia
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão*

*Inté mesmo a asa branca
Bateu asas do sertão
Então eu disse, adeus Rosinha
Guarda contigo meu coração
.....*

Ainda é possível identificar, na estrofe acima, aspectos relacionados à migração feita por homens (hoje, por homens e mulheres, mas na época da canção era feita só por homens) que deixavam sua cidade, sua região, procurando melhorias de vida e sustento da família, saindo e deixando para trás mulher e filhos. Assim, está explícito a divisão de papéis sociais do homem como o provedor e da mulher que fica para cuidar dos filhos e do lar.

Santos (2004) registra que a imigração ocorreu devido ao nordeste ser uma região marcada pelas constantes secas, onde reinam o coronelismo e os grandes latifúndios, onde a estrutura social está marcada por um processo de cristalização das desigualdades sociais.

Apesar da fé em Deus, derivada da colonização e aos desbravadores do sertão, o nordestino bate em retirada, vencido pela má sorte, pela desesperança, pelo agouro permanente da trágica situação provocada pela longa estiagem. A seca, assim, é uma espécie de pecado divino, um castigo de Deus.

De acordo com Rebouças (1997), em *Asa Branca*, a seca nordestina é retrata da apenas na perspectiva climática e geográfica, reproduzindo a mentalidade de conformismo do povo nordestino em relação a essa problemática que, também, é de ordem política e social.

5 A SECA COMO FENÔMENO POLÍTICO E SOCIAL

Em 1953, Luiz Gonzaga compõe a música “Vozes da Seca”, em parceria com Zé Dantas. A música é uma mistura de discurso político e manifesto. Uma forma poética de denunciar o descaso e a omissão dos governantes no que se refere ao combate à seca.

O Brasil no ano de 1953 vivia o governo do presidente Getúlio Vargas, eleito democraticamente em 1950. Antes dessa fase democrática, Vargas já havia governado o Brasil por quinze anos ininterruptos, quando assumiu o poder logo após a revolução de 1930 (1930-1937), e, depois, quando instituiu a ditadura do Estado Novo (1937-1945) (SOUSA, 2017).

Acredita-se que os compositores procuraram reivindicar providências do então presidente Getulio Vargas contra a situação difícil da população afetada pela seca que atingia boa parte do país, especialmente o nordeste. Pois, o então Presidente, no afã de

fazer expandir a sua filosofia populista, que tivera um início bem sucedido, com a implantação de normas trabalhistas, copiadas dos países do leste europeu, buscou introduzir no âmbito rural brasileiro, com destaque para o sertão nordestino, um novo modelo de esforço governamental, representado por “favores” para amenizar os efeitos da seca, que tanto afligia a nobre e brava população daquela importante parte do território nacional.

A canção na verdade apresenta um “recado” às autoridades políticas, apresentando de maneira simplória e suave, mas com tom crítico, um desabafo contra o descaso político diante da problemática da seca no nordeste.

*Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão
É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nós escuído para as rédias do pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mão*

Com linguajar e vocabulário típicos do sertanejo, os compositores fazem uma reivindicação por programas e frentes de trabalho, ressaltando nas entrelinhas, que o povo não precisa de esmola, e sim de dignidade para viver. O doutô citado na música é o tratamento comum na região para se referir aos médicos, juízes, delegados e políticos.

Cabe registrar que Luiz Gonzaga, durante o governo Médici, foi chamado ao departamento de censura da Polícia Federal para ouvir daquele órgão que dali pra frente não poderia mais cantar três músicas em seus shows, entre elas “Vozes da Seca”, além de “Paulo Afonso” e “Asa Branca”.

6 O FIM DA SECA, A CHUVA E A FÉ COM A VOLTA DA ASA BRANCA

Em 1950, Luiz Gonzaga e Zé Dantas retomam a canção Asa Branca e compõem a Volta da Asa Branca, apresentando o regresso da ave, o retorno do retirante expulso pela seca, a chegada da chuva e o milagre divino de vê a terra brotando novamente. Para o nordestino do sertão, a chegada da chuva, que é irregular, é sempre recebida com

espanto. Quando os céus mandam a chuva, é milagre ver o chão fecundado e o verde que brota do solo seco da noite para o dia.

*A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se lembrou
De mandar chuva
Pr'esse sertão sofredor
Sertão das muié séria
Dos homes trabaiaador*

*Rios correndo
As cachoeira tão zoando
Terra moiada
Mato verde, que riqueza
E a asa branca
Tarde canta, que beleza
Ai, ai, o povo alegre
Mais alegre a natureza*

....

Na segunda estrofe da música, a chuva é percebida como um milagre divino porque representa a renovação da vida ameaçada pela morte dita “natural” que a seca trouxe. Na terceira estrofe percebe-se que após a chuva a natureza volta a ser generosa com o povo nordestino, pois há o cantar das aves, a mata volta fica verde novamente e o povo alegre outra vez.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicalidade de Luiz Gonzaga retrata a história do nordeste, a seca e a fé do povo nordestino. Gonzaga faz e apresenta em suas músicas uma crítica da realidade social e política do país, sendo, portanto, uma ferramenta de apelo e clamor.

A pesquisa em andamento apenas utilizou três canções composta pelo cantor e em parceria com personalidades da música popular brasileira, sendo esta uma limitação do estudo que não permeou todas as obras do artista. Outras músicas do artista podem ser utilizadas para conhecer a história ambiental da região nordeste, os hábitos alimentares e culturas cultivadas, bem como a ecologia do sertão.

Registra-se que as músicas cantadas pelo Rei do Baião, ainda, estão na memória dos nordestinos e são sonorizadas por crianças e adultos em programas musicais televisivos (MARANHÃO e STORI, 2019).

Refletir sobre a vida do povo nordestino por intermédios da música é uma forma interessante de levar as pessoas a aprender mais sobre aqueles que vivem no nordeste brasileiro. O nordeste de Luiz Gonzaga é o seu sertão, é a sua vida, seu sentimento, suas

lembranças, suas memórias, suas experiências, suas vivências, suas imaginações, suas paixões...

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, M. C. A seca: realidade e mito. Recife: ASA Pernambuco, 1985.
- ARAÚJO, M. L. C. Seca: fenômeno de muitas faces. Fundaj: Recife, 1999.
- BAUER, D. 'Vidas Secas' (1963): obra máxima da filmografia de Nelson Pereira dos Santos. 2018. Disponível em: < <https://www.cineset.com.br/vidas-secas-1963-obra-maxima-da-filmografia-de-nelson-pereira-dos-santos/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.
- BENNETT, R. Uma breve história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- LEÃO, D. V. et al. Música e Cidadania Cultural. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 4, p. 40910-40918, 2021.
- LUCIO. O rei do baião Luiz Gonzaga. 2012. Disponível em: < <https://luciointhesky.wordpress.com/2012/10/01/o-rei-do-baiao-luiz-gonzaga/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.
- MARANHÃO, R. A.; STORI, N. Merchandising no the voice kids: quais as marcas vinculadas ao reality show infantil? Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 5, p. 3931-3944, 2019.
- MATOS, M. I. Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAVALCANTE, T. L. A grande seca do Nordeste. 2008. Disponível em: <<https://www.museudeimagens.com.br/grande-seca-do-nordeste/>>. Acesso em: 30 de agosto de 2021.
- OLIVEIRA, M. F. G.; MIRANDA, A. M. A música como a arte do ensinar e aprender: uma proposta. Brazilian Journal of Development, v. 5, n. 7, p. 7612-7621, 2019.
- REBOUÇAS, A. C. Água na região Nordeste: desperdício e escassez. Estudos avançados. Vol. 11, n. 29, p. 127-154, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v11n29/v11n29a07.pdf>. Acesso em: 15 de ago. de 2016.
- SANTOS, J. F. Luiz Gonzaga: a música como expressão do Nordeste. São Paulo: IBRASA, 2004.
- SOUSA, S. L. A canção “vozes da seca” de Luiz Gonzaga: vozes de protesto sob uma perspectiva da análise do discurso. Revista do GELNE, v. 19, n. 1, p. 79-88, 17 maio 2017.
- STORI, N.; MARANHÃO, R. A. O trágico sofrimento dos retirantes do sertão nordestino brasileiro nas obras de Candido Portinari. GAMA, v. 7, n. 13, p. 143-151, 2019.
- WOLFFENBÜTTEL, C. R.; PAIVA, C. P. Mulheres nas Pesquisas em Música no Brasil: uma investigação nas Revistas da ABEM e Opus. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 12, p. 101400-101427, 2020.